

Produção literária

Com a aposentadoria pela Universidade em 1996, a pintura dividiu agenda com três desafios: o retorno à publicidade, a retomada da atividade acadêmica e o aprofundamento da atuação no setor editorial. O primeiro se deu com os estúdios Novum (junto a Flávio Cauduro) e Graph Design. De suas criações para clientes variados (Gerdau, Unipampa, Hotel Laghetto), a mais conhecida é a atual logomarca da Ufrgs (1997). Já o segundo se efetivou na coordenação dos cursos de Comunicação na Faccat, em Taquara (1998-2006), e como professor da Uniritter, em Porto Alegre (2005-2009). Ainda sobrou fôlego para ingressar, em 2020, como aluno da Faculdade de Arquitetura

da Pucrs - matrícula trançada aos 88 anos, devido a uma artrose lombar que dificulta a frequência em disciplinas com visitas a obras, dentre outras tarefas práticas.

O terceiro abrange uma bibliografia consistente como autor e coautor. Joaquim, que já havia publicado pela Editora da Universidade o *Glossário de Comunicação Visual* (1990), lançou por outros selos os livros *Caricatura - A Imagem Gráfica do Humor* (vencedor do Prêmio Açorianos de 1999) e *Tipografia & Design Gráfico - Produção de Impressos e*



Livros (2008). Junte-se à lista os guias turísticos *Buenos Aires - de Boca a River* (1996), *Roma Católica* (2001) e *Alemanha, Uma Vez* (2023). A boa recepção de público e imprensa foi ainda maior com *Traçando New York* (1991), reunindo crônicas de Luis Fernando Verissimo sobre a cidade e ilustrações do ex-colega dos tempos de MPM Propaganda. Um êxito que se repetiu em outros títulos da série, dedicados a Paris (1992), Roma (1993), Porto Alegre (1994), Japão (1995) e Madri (1997). E ainda há produções inéditas, prontas para sair da gaveta.



Luis Fernando Verissimo, pelo olhar único de Joaquim da Fonseca

Pincéis e tintas à mão

O jovem senhor Joaquim Tomaz Benício da Fonseca topou sem titubeios a proposta de pintar uma aquarela especialmente para a reportagem em seu apartamento-ateliê repleto de livros, câmeras fotográficas e outros objetos evocativos, no Centro de Porto Alegre. Um CD com gravações de Frank Sinatra na década de 1940 serviu de trilha ambiental para a demonstração de todo o processo, sob gestos tranquilos e mãos firmes, tendo como ponto de partida a fotografia de uma paisagem rural. “A composição artística não difere muito da musical, precisa de ritmo, harmonia, cores que rimam”, comparou, enquanto saciava a curiosidade do observador sobre as mais diversas questões sobre vida e obra - algo parecido com o que ainda faz em

seus eventuais *workshops*.

Calculados ou espontâneos, os traços e manchas de cor resultantes são também poesia visual com a rubrica de um mago que, desde piá, tem encontrado na arte uma forma natural de expressão. “Nunca cansei, apenas fui mudando a técnica”, comentou. O trabalho em si ficou pronto em cerca de duas horas - em breve, deve estar em alguma galeria, pinacoteca ou na parede de um dos incontáveis fãs da sua técnica. Como o médico com quem Joaquim se consultava e que, de posse de uma das obras do paciente, confessou: “Adoro abrir um vinho e sentar diante daquela cena do Pampa gaúcho, que me emociona por relembrar minha infância em um lugar muito parecido”.

Preservação da memória

Uma boa amostra da produção mais recente de Joaquim da Fonseca pode ser visitada até o dia 30 de novembro no Espaço Cultural Olivas - rua Vereador José Alexandre Benetti nº 1.808, Linha Nova, em Gramado. São 23 aquarelas reunidas em exposição sobre o legado arquitetônico dos imigrantes alemães e italianos que colonizaram a região - algumas das casas onde viveram os colonos ou seus descendentes nem existem mais.

O lote de pinturas foi adquirido em definitivo no início de outubro pela empresa proprietária do Parque Olivas, onde funciona a instituição. Com a palavra, o curador da mostra, Cezar Prestes: “as obras selecionadas sensibilizam o olhar e transcendem o gesto artístico, ao se tornarem documento, herança e narrativa das raízes culturais da cidade. Joaquim da Fonseca é uma espécie de guardião de memórias”.



Aquarelas retratando a Serra Gaúcha estão em exposição no Olivas, em Gramado



Marcello Campos é formado em Jornalismo, Publicidade (ambas pela Pucrs) e Artes Plásticas (Ufrgs). Tem seis livros publicados, incluindo as biografias de Lupicínio Rodrigues, do Conjunto Melódico Norberto Baldauf e do garçom-advogado Dinarte Valentini (Bar do Beto). Há mais de uma década, dedica-se ao resgate de fatos, lugares e personagens porto-alegrenses. Contato: portonoitealegre@gmail.com